

# CONFLITO E SUPERAÇÃO

BREVE HISTÓRIA DA SUPERAÇÃO  
DE UMA CRISE — COM UMA PEQUENA  
AJUDA DA PSICANÁLISE

**MARIA RITA KEHL**

[Psicanalista]

Uma das críticas que se faz com frequência à psicanálise, como método de enfrentamento e superação de conflitos, é seu caráter elitista. De fato, o psicanalista em sua clínica particular não consegue atender muito mais do que umas 35 ou 40 pessoas por semana. Grande parte dessa clientela pertence às classes média e alta: são os que podem pagar um tratamento prolongado e às vezes caro, a depender do acordo com o analista. Além disso, uma boa porcentagem das demandas de análise provém de jovens analistas em formação. Se um psicanalista não consegue equilibrar o atendimento aos colegas analistas com o atendimento a pessoas leigas, corre o risco de se fechar em um círculo vicioso no qual os analisandos já chegam contando suas histórias em jargão psicanalítico, abordam seus conflitos a partir de conceitos freudianos e estabelecem um conluio entre entendidos que, ao contrário do que pode parecer, favorece muito mais a resistência do que a livre associação. A fala despreziosa e desprevenida que deveria facilitar a abertura para as formações do inconsciente é substituída por tentativas de autodiagnóstico e por exibições de expertise acadêmica que o analista, caso não se deixe impressionar, terá enorme trabalho para desmontar.

Em contrapartida, sempre me surpreendeu constatar o efeito da investigação psicanalítica entre pessoas não “vacinadas” pelo conhecimento prévio da teoria. Quando escuto, no consultório, pessoas provindas de um meio social em que a psicanálise não pertence ao senso comum, em que os conceitos psicanalíticos não

circulam entre as formações ideológicas do dia a dia, impressiono-me não apenas com a rapidez da entrada no processo investigativo, mas também com o efeito fulminante que a intervenção analítica produz contra as resistências e as fantasias que sustentam o sujeito em sua “escolha de neurose” (segundo uma expressão paradoxal do próprio Freud). Para que tal experiência de ampliação do campo social de intervenção da psicanálise seja possível é preciso, em primeiro lugar, reservar alguns horários semanais nos quais o desejo de investigação do inconsciente que move todo o analista possa se sustentar por si só, independentemente do que possa vir a render em dinheiro. Dito de outra forma, vale a pena aceitar pessoas que paguem muito, muito pouco. Em segundo lugar, é preciso acreditar radicalmente na universalidade das formações do inconsciente de modo a tentar escutar o analisando lá onde ele se encontra, na linguagem de que ele dispõe e que por vezes confronta radicalmente a linguagem a que o analista está habituado.

O texto que se segue resume minha primeira experiência com o que hoje chamamos de “clínica social”. Foi na década de 1980, no início de minha prática clínica. A curta análise do jovem que apelidei de Leandro é uma história de superação de conflitos em que o psíquico revela muito claramente sua interface com o social. Não: essa interface não existe com nitidez apenas em pacientes pobres ou de pouca cultura universitária. É que o fato de Leandro pertencer a outra classe social, a outra cultura, a outras formações de linguagem, me permitiu enxergar com muito mais nitidez o que se poderia chamar, com Lacan, de o campo político do inconsciente.

O modo como Leandro chegou à minha clínica, há mais de dez anos, não foi muito ortodoxo. Era sobrinho de uma analisanda minha, que me fez o pedido em nome dela, não dele: “queria que você conversasse um pouco com o meu sobrinho... ele tem 17 anos, está ficando cego, e os médicos não descobrem nada de errado com

os olhos dele, mas eu tenho certeza de que foi por causa de umas pancadas que ele levou do pai”.

Jandira era a única pessoa que conseguiu um padrão de vida de classe média – baixíssima, mas classe média, com direito a analista (baratíssima) e quitinete no centro da cidade – numa família entre o pobre e o miserável da periferia de São Paulo. Mãe e pai mortos de câncer quando ela era adolescente, alguns irmãos marginais, outros operários, uma irmã doméstica, Jandira conseguiu se valer de sua “boa aparência” para conseguir emprego de recepcionista em uma grande financeira e elevar-se um pouco acima de sua origem, com muito orgulho. Eu percebia que para ela o trabalho na análise era uma tentativa de refazer o laço que a ligava a uma origem tão triste e aparentemente tão distante e, ao mesmo tempo – por isso mesmo –, tentar garantir uma diferenciação já conquistada, evitando esse destino terrível da neurose que é a repetição dos sintomas dos pais.

Jandira, igualmente, tomava sua análise como sinal de *status*, de modernização, de ingresso em um padrão de civilização que ela valorizava muito. Era a única analisanda a me presentear, anualmente, no dia do aniversário de sua análise – a única também que sabia a data exata em que começara a se analisar. Para ela, pedir que eu conversasse ou que eu “desse uma olhada” em seu sobrinho, como se eu fosse médica ou oculista, era também pedir que eu ajudasse mais um membro da família a sair da favela em Guarulhos e vir para São Paulo – como se a psicanálise fornecesse o passaporte do subúrbio para a metrópole, do atraso para o desenvolvimento, da condição subumana da vida nas favelas para a condição humana.

Por curiosidade, por militância, por onipotência de novata, aceitei conversar com Leandro e arriscar um começo de terapia ao preço de uma passagem de ônibus por sessão – que, por sinal, nunca chegou a ser pago. A curiosidade foi a motivação mais forte: queria

testar, na prática, se as manifestações do inconsciente falavam uma língua universal ou se as barreiras de classe, as diferenças culturais e as variações de linguagem impediriam que um garoto de favela se tratasse com uma analista pop, esquerdista, alimentada a Toddy e formada pela Universidade de São Paulo.

Leandro chegou de óculos escuros e bengala branca, uniformizado como qualquer adolescente (camiseta, jeans e tênis) e pedindo licença para fumar. Assim como sua tia – com quem tinha muito pouca convivência –, ele também era negro, alto, magro e bonito. Perguntei se ele não enxergava absolutamente nada, e ele me respondeu – “só vejo a luz e a sombra das coisas”. Perguntei se ele achava que ia ficar mesmo cego ou se sua perda de visão poderia ser consequência de uma crise passageira. Leandro me surpreendeu ao responder: “não sei, antes eu preciso clarear umas ideias que estão meio embaralhadas”.

Em seguida, começou a me contar alguns episódios de sua vida atual numa gíria quase indecifrável para mim; também tentou me impressionar (o que não foi difícil) exibindo seu lado marginal ao me explicar como havia conseguido um revólver com uns moleques chegados na bandidagem. Fingi não dar muita importância ao assunto, de modo que finalmente Leandro afirmou que todos na sua família tinham certeza de que a causa da perda progressiva da sua visão tinha sido uma briga violenta com o pai. O que começou como um bate-boca entre o filho adolescente e o pai alcoolizado terminou em pancadaria, e Leandro, que não revidou a violência do pai, teria batido a cabeça ao ser golpeado por ele. Perguntei pela causa da briga e a história de Leandro começou a revelar a complexidade de sua curta história de vida.

O caso é que ele sempre tinha morado na casa da mãe, com muitos tios, irmãos e uma avó – mas aos dezesseis anos tinha sido mandado para o barraco do pai.

“Meu pai bebe, eu não bebo nada. Só guaraná. Meu pai fica violento quando bebe. Foi por isso que minha mãe mandou ele embora. Quando ele volta do bar, eu fico evitando ele porque sei que vai dar briga. Só que um dia não deu pra evitar e a gente saiu no tapa, eu era menor, apanhei pra caralho e ele me jogou no chão. Eu jurei ele de morte nesse dia”. Como assim? “Eu disse que com dezoito anos ia comprar um revólver e matar ele”. Por que só com dezoito? “Não sei. Mas agora eu estou com dezessete e já consegui a arma”. É, mas agora você está ficando cego. Silêncio. “É, agora eu estou parecendo um ceguinho”. *Parecendo?* Silêncio. Você tem certeza de que ainda quer matar seu pai? Silêncio. “Não sei... isso aí eu já não sei te responder”.

Na sessão seguinte Leandro faltou. Uma semana depois chegou contando uma história enrolada de ônibus errados que justificavam a falta anterior. Na seguinte atrasou e usou seu tempo para explicar por que não podia pagar.

Na quinta sessão, entrou dizendo: “esqueci de contar para a senhora que eu também vou ser pai”. (Assim, sem mais). É meeeeesmo?? “Pois é, só que eu estou separado da minha namorada”. Por quê? “Bom, é que ela é tia minha. Foi por isso que minha mãe me mandou para a casa do meu pai. Pra me separar da minha tia, que tinha virado minha namorada”. (Durante alguns segundos me vi envolvida num delírio nelsonrodrigueano: então a Jandira, hein? Nunca me contou nada! Mandou o menino para o meu consultório para que ele falasse por ela!!! – mas não, não era Jandira. Era outra tia).

Leandro continuava falando, e eu retomei a custo minha atenção quase soçobranete. “A Jaqueline também mora lá na casa da minha mãe. Ela é a irmã menor da minha mãe. A gente morava junto, entende, ficava tirando uma linha... quando ela tinha treze anos, a gente começou a transar. Eu tinha quinze. Depois minha mãe descobriu e me mandou embora. A Jandira também disse que

transar com tia não pode, é igual a transar com a mãe, a gente fica louco. Eu fiquei louco foi depois que me separaram dela. Fiquei seis meses sem encontrar a Jaqueline, e a senhora sabe que eu não namorei mais nenhuma menina? Só pensava nela, só tinha saudades dela. Fiquei pensando que aquela transa não tinha sido só sacanagem, que era mesmo um amor”.

“Comecei a procurar ela escondido. Ela também estava morrendo de saudades de mim. Só que ela engravidou, e agora eu tô numa fria. Brigado com meu pai, sem ter onde morar, com a vista dançada, como é que eu vou cumprir a responsabilidade de criar um filho? E depois, todo mundo diz que eu não posso viver com a Jaqueline porque ela é minha tia. A senhora, que é psicóloga, também vai dizer que não”.

Diante de uma confissão dessas a primeira tentação de um analista, (que foi também a minha) seria a de recorrer à Lei e intervir de modo a barrar aquele gozo incestuoso. Mas a dúvida me dividiu quase imediatamente. Pensei um pouco – é incesto? Bem: do ponto de vista da moral e dos costumes, tudo indicava que sim. Engravidar a própria tia me parecia, no mínimo, escandaloso. Mas seria um incesto dos bons mesmo, daqueles que a Lei interdita desde os tempos do assassinato do Pai da horda primitiva? Disso eu não tinha certeza. Resolvi perguntar para o maior interessado.

– Escuta, Leandro: quero saber se quando você pensa na Jaqueline, você pensa nela como namorada ou como tia. O que ela é para você?

– “Bom, eu nunca lembro que ela é minha tia. Se ela fosse mais velha, como a minha mãe, eu respeitava. Seria diferente. Mas ela é assim como eu, cresceu comigo, mais como se fosse uma prima, entende? Fica difícil pensar nela como tia – foi por isso que eu fiz a besteira. Mas também foi porque a gente se gosta de verdade, eu acho”.

– Nesse caso, eu acho que pra você a Jaqueline é uma namorada como outra qualquer. Você só tem que pensar se gosta dela mesmo, entende? Pra viver junto, criar um filho juntos, tem que gostar bastante, certo?

Depois dessa sessão – a última de cinco – Leandro desapareceu. No começo, evitei perguntar para a Jandira. Tentava não misturar os canais. Ela mesma não tinha muitas notícias dele. Num final de sessão chegou a me pedir notícias do sobrinho, que encontrava raramente. Eu disse que ele tinha abandonado o tratamento. “Ah... que pena”.

Meses depois, Jandira me trouxe um recado. Leandro não podia mais comparecer porque havia completado dezoito anos e tinha sido pego para o serviço militar. Como assim? Leandro vai servir exército? E a deficiência visual? O pessoal no exame médico do quartel disse que ele não tinha nada, e ele está enxergando de novo. (Ufa, pensei. Desistiu de matar o pai.)

Um dia Leandro apareceu sem marcar hora. Na sala de espera encontrei uma família inteira: ele, Jaqueline e o bebê. Veio me apresentar a filha, agradecer e contar as novidades. Tinha feito as pazes com o pai: “quando ele soube que eu ia ser pai também, começou a me respeitar. Me deixou construir um barraco no fundo do terreno dele pra gente morar. Quis comemorar comigo, e eu disse pra ele: ‘tá bom, mas o senhor tem que me aceitar do meu jeito; o senhor brinda com cerveja e eu com guaraná’. Depois eu casei, e a gente não brigou mais”. E a vista, Leandro. Como foi que sarou? “Ah... aquilo? Sabe que eu não sei? Do jeito que veio, foi”.

Quem ficou decepcionada com o desfecho da história foi a Jandira. Ela esperava que eu botasse ordem naquela bagunça, explicasse ao sobrinho que casamento com a tia é uma coisa horrível, os amantes ficam doidos, o filho nasce aleijado, a sociedade condena.

Depois que ela entendeu que meu papel não era exatamente o do vigário da aldeia, Jandira também desbundou um pouco, confesso. Retomou a história de sua mãe, que havia se prostituído durante muitos anos depois de abandonada pelo marido, e resolveu testar sua vocação ou sua predestinação, prostituindo-se também. Para isso, interrompeu a análise por seis meses (com data marcada para voltar) e só depois me contou o que andara fazendo. Quando descobriu que podia sentir prazer com um cliente, que podia começar a gostar de ser puta, Jandira largou da “vida”. Para ela era mais fácil tolerar a ideia da mãe como prostituta-mártir, sacrificando-se para alimentar os filhos, do que saber por conta própria que a mãe também podia ter gozado com alguns dos muitos homens que teve.

Este pequeno trecho de uma psicanálise em condições brasileiras, cuja aparente obviedade parece dispensar grandes esforços teóricos, não terá tido necessariamente um final feliz. Nunca mais soube nada a respeito de Leandro. Terá conseguido algum trabalho quando deixou o serviço militar? Terá sido capaz de sustentar uma paternidade tão precoce, aos dezoito anos, com uma mulher de dezesseis? Estará vivo? Teve outros filhos? Virou alcoólatra como o pai? Levou um tiro de bobeira, uma bala perdida, voltando pra casa de madrugada? E as drogas, que de dez anos para cá entraram com tudo na vida brasileira, representando um meio de sobrevivência para tantos jovens subempregados, como terão afetado seu destino?

Quanto a Jandira, afastou-se da análise para tratar uma doença de estômago que se revelou ser um câncer, e até hoje não tive coragem de ligar para o telefone de uma vizinha para saber se ela se curou ou se morreu da doença que matou seus pais. Temo que sim, pois a doença foi descoberta em estado muito avançado. Durante meses, Jandira se consultou no ambulatório de um hospital

onde suas dores foram diagnosticadas como gastrite e tratadas com antiácidos. A psicanálise pode muito pouco contra o desamparo causado pela pobreza e pelo descaso que afeta todos os setores da vida de quem depende exclusivamente dos serviços públicos para curar doenças, estudar, resolver pendências com a justiça, tentar ser um cidadão comum.

O que aprendi nas cinco sessões com Leandro e com a tenacidade de Jandira, tentando superar a infelicidade e a miséria que lhe pareciam destinadas, eu nunca mais esqueci: é que o inconsciente não é do sujeito. O inconsciente é social. Impossível escutar Leandro sem escutar um pouco sobre a miséria, a favela, a violência – uma violência que é também própria do desejo, do enorme esforço cobrado pelas pequenas manifestações de esperança em uma vida um pouquinho mais feliz.

No momento em que a análise de Leandro me deixou mais confusa, escrevi uma carta ao psicanalista Hélio Pellegrino, que não conhecia pessoalmente, mas com quem tive contato através do seminário Os Sentidos da Paixão, do qual participamos juntos. Contei a ele um pouco da história de Leandro e de minhas dúvidas sobre a possibilidade de escutar em análise aquele rapaz cujas referências morais e culturais eram tão diferentes das minhas. Reproduzo aqui alguns trechos da resposta que recebi desse que foi pioneiro ao fundar uma clínica social no Rio na década de 1970.

O caso que você me conta, do rapaz de 18 anos que está perdendo a visão para não matar o pai, é de uma força extraordinária. Trata-se de um Édipo real, concreto, impossível, para além de fantasmas e fantasmagorias. A realidade é, às vezes – como no caso –, perfeitamente psicótica. [...] Atenda o Leandro, sem qualquer dúvida. A psicanálise, antes de ser uma profissão, é uma aventura, uma viagem, um empenho existencial, alguma coisa que transcende

molduras e modelos burocráticos. O psicanalista é o contrário do burocrata ou do especialista. Ele escuta o desejo, debruçado sobre o coração selvagem da vida e, a partir desse polo, se esgalha, ampliadamente, em todas as direções. A energia do desejo percute e repercute em todos os metais, e todos os quadrantes.

Você se pergunta se, sendo da classe média, terá condições de cuidar do Leandro – e das pessoas de baixa renda. Não se classifique previamente, não se rotule, não se catalogue. Do contrário, você estará se prendendo numa camisa de força. Vá em frente. Suas indagações e suas cogitações já engajaram você.

Quero terminar este artigo com a palavra daquele que foi um dos primeiros a pensar e a praticar uma psicanálise nas condições brasileiras.